

NOTAS SOBRE AGROECOLOGIA EM RONDONIA: A FEIRA LIVRE DOS PRODUTOS AGROECOLÓGICOS DA AGRICULTURA CAMPONESA DE MIRANTE DA SERRA

Francisco de Assis Costa
chicomendes10@hotmail.com

GT: Estratégias de produção, geração de renda e agregação de valor.

INTRODUÇÃO

Situado na Amazônia brasileira, Rondônia foi alvo de programas oficiais de colonização durante a ditadura militar, recebendo centenas de milhares de famílias de origem camponesa que migraram em busca do sonho de conquistar definitivamente a terra. Para a maior parte dela, este sonho foi frustrado, pois as terras disponíveis para os programas de colonização eram insuficientes para suprir a demanda dos migrantes. Em pouco tempo, muitos se desfizeram de seus lotes e mudaram-se para as cidades. Nesse período, houve uma reconcentração fundiária.

Ao mesmo tempo em que atraía famílias camponesas, houve também políticas deliberadas para a abertura de grandes propriedades, beneficiadas por isenções de impostos e concessão de empréstimos. Não demorou muito para que o agronegócio – hoje centrado na produção da soja, na pecuária de corte e na expansão de plantio de cana de açúcar – se consolidasse como principal modo de produção no campo rondoniense. Em diferentes pontos do estado, grandes proprietários e sem-terra disputam terra em conflitos marcados por violência.

Dados do último censo agropecuário (IBGE, 2006) indicam que a agricultura familiar é desenvolvida em aproximadamente setenta e cinco mil estabelecimentos em Rondônia. Neste contexto bastante adverso, há, entre as famílias que persistem no campo, aquelas cujas práticas contemplam experiências de manejo de preservação ambiental, pautadas por princípios agroecológicos (ALTIERI, M, 2004; CAPORAL & COSTABEBER, 2007). Com condições financeiras limitadas, enfrentam desafios na organização de sua produção e na comercialização. Se produzir é essencial, comercializar é crucial. As feiras livres tornam-se espaços privilegiados de comercialização da produção da agricultura familiar.

Este resumo trata da experiência de um grupo de famílias camponesas que produzem e comercializam alimentos pautados por princípios agroecológicos na Feira de Produtos Agroecológicos da Agricultura Camponesa (FEPAC) de Mirante da Serra, em Rondônia. Tal

experiência foi assessorada pela Equipe do Projeto Padre Ezequiel, da qual faço parte como técnico¹.

OBJETIVO

Este trabalho busca compreender o processo organizativo que originou a FEPAC e que tem possibilitado seu funcionamento ao longo de um ano de existência, entendendo o envolvimento das famílias camponesas com a feira como parte de uma proposta política de visibilizar a produção da agricultura familiar, pautada em princípios agroecológicos. Na medida em que produzem alimentos saudáveis e os comercializam a preço justo, estas famílias se apresentam como contraponto viável ao modelo do agronegócio, uma vez que além de promover a saúde dos consumidores e possibilitar a preservação ambiental, também geram renda para as famílias envolvidas.

METODOLOGIA

A compreensão do processo organizativo dos agricultores familiares na promoção da feira livre foi realizada através da participação em reuniões do grupo e acompanhamento do desenvolvimento da feira-livre através de algumas visitas in loco, realizadas dentro do trabalho de assessoria do Projeto Padre Ezequiel.

RESULTADOS

A feira é composta por 23 famílias que vivem no Projeto de Assentamento Padre Ezequiel e nas propriedades de módulos convencional do município de Mirante da Serra, em Rondônia. No período de 1997 a 2001 ocorreu a ocupação na fazenda Urupá, mobilizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), onde hoje estão assentadas 200 famílias. O Assentamento Padre Ezequiel tem sua área dividida em agrovilas formato de meia-lua, em módulos de 14.4 hectares. Dessas agrovilas, seis famílias participam da feira livre. As outras dezessete famílias são de áreas convencionais, possuindo módulos de em média de 50.4 hectares áreas. Estas propriedades foram transferidas do Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA) para as famílias na década de 1980. Outra característica comum destas famílias é o fato de terem entre seus membros lideranças do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), MST, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR), Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) e de associações e grupos organizados no município.

¹ O Projeto Padre Ezequiel é uma iniciativa da Diocese de Ji-Paraná e possui diversos setores. O setor agrícola tem como objetivo desenvolver e difundir a agricultura agroecológica, por meio da implantação de unidades de produção, beneficiamento e comercialização.

A partir da organização da produção nas propriedades constatou-se a necessidade de escoar o excedente de alimentos produzidos. Buscou-se então um espaço para montar uma feira na área urbana do município, a fim de comercializar os produtos através da venda direta aos consumidores. O projeto realizou capacitações e em seguida, algumas reuniões com as famílias. Depois do início do funcionamento da feira, as visitas passaram a ser mensais e diretamente à feira. Em 07 de Março de 2012, a FEPAC foi inaugurada.

Conhecer um pouco do processo de produção desses alimentos facilita compreender como esta experiência tem produzido algo de novo no campo rondoniense, a dizer, outra forma de organizar a produção, respeitando princípios agroecológicos e as especificidades da produção agrícola na Amazônia.

Todas as famílias que compõem a FEPAC se enquadram na categoria da agricultura familiar camponesa. A mão de obra utilizada na propriedade é dos próprios membros das famílias. Por vezes, nos períodos do pico da safra de algumas culturas, como a colheita do feijão e a do café, organiza-se a troca de mão de obra de uma família com a outra ou o pagamento de diárias a terceiros.

Elas trabalham a diversidade de culturas na propriedade com manejo agroecológico dando um novo desenho da propriedade através da implantação dos quebra-ventos, da recuperação das matas ciliares, redução de queimadas para plantio da lavoura anual, introdução de variedades de leguminosas para biomassa e recuperação do solo, corredores ecológicos e o sistema silvipastoril, formando assim um agrossistema nas suas propriedades.

Os principais alimentos que as famílias produzem e comercializam na feira são: feijão, amendoim, milho de pipoca, pó de café, mel e ovos. Além disso, horticultura, tubérculos diversos, frutas tropicais e polpas, melaço, açúcar mascavo e rapadura. Carnes de pequenos animais, palmito de pupunha, doces, geleias, biscoitos e pães. As famílias colhem, lavam, amarram, organizam os produtos nas propriedades e depois colocam nas caixas para transportar até local da feira. A dificuldade de transporte faz com que utilizem veículos variados para levar os produtos.

As famílias se encontram semanalmente no centro do município. Ali, acontece a preparação da exposição dos produtos, a própria feira e se antecipam os preparativos da reunião posterior. Inicialmente, tais atividades ocorriam na sede do MPA e depois de negociações locais, a feira passou ocupar a rua, obtendo o reconhecimento e a licença da prefeitura municipal.

Ao lado da rua há uma pequena casa, de propriedade particular, que foi cedida provisoriamente para as famílias guardarem os materiais que usam nas feiras. Nesta casa,

organizam os produtos, etiquetando com a logomarca do grupo as embalagens dos produtos que serão expostos no dia. Ali ocorrem as reuniões preparatórias da exposição do dia e depois da feira, fazem a prestação de conta, quando todos os feirantes recebem o dinheiro da venda do dia. Neste momento, eles fazem uma avaliação do dia, avaliando o que precisa melhorar, dão os informes, fazem o planejamento da próxima semana e finalizam com os encaminhamentos gerais.

Ao chegar ao local da feira após a reunião inicial, são montadas as barracas em regime de mutirão, fazendo as duas fileiras de barracas no estilo “olho aberto”, de modo que fiquem bem estreitas as chegadas e saídas da feira, dando visibilidade aos feirantes. Nas entradas, ficam os jovens, filhos dos agricultores, entregando a cada potencial consumidor que chega o “cardápio” no qual consta o nome de cada família. Cada expositor fica com uma canetinha e marca o valor do produto vendido na frente do seu nome para o consumidor. O consumidor passa pelas bancas de seu interesse e ao final da compra, entrega seu “cardápio” a um caixa, que fica nas duas saídas, uma de cada lado. No “cardápio” estão relacionados os valores dos produtos comprados e faz-se o acerto final.

Os caixas comuns são gerenciados pelos próprios agricultores, sendo feita uma escala de dois por semana. Uma pessoa fica no computador lançando na planilha os valores dos cardápios referentes a cada agricultor. No final da feira, depois do desmonte coletivo das barracas, faz-se a conferência dos produtos restantes e dos valores e o dinheiro é dividido. Esta prática do caixa comum trouxe grandes vantagens para os expositores, pois facilita o troco e evita o manuseio de dinheiro pelo expositor, garantindo um alimento mais higiênico. Este sistema também exige um alto grau de confiança uns com outros na gestão da feira, pois os agricultores que são escalados para ficarem nos caixas comuns têm seus produtos cuidados e vendidos pelos outros expositores.

As famílias fazem uma pequena contribuição a cada feira, formando um fundo solidário do grupo para eventuais necessidades, como a participação de um representante do grupo nas reuniões na instância estadual da Rede de Agroecologia Terra Sem Males e nas outras atividades que são comungadas pelo coletivo, também como intercâmbio do grupo familiar para outros municípios em que há iniciativas similares. A cada quatro meses ocorrem reuniões entre as famílias nas diferentes propriedades, como forma de intercâmbio. Na ocasião, uma família visita a outra com o intuito de troca de experiência e conhecimentos. Também são realizadas duas assembleias ao ano para discutir e construir estratégias para melhor funcionamento da feira.

Dentre as estratégias para divulgar seu trabalho e a proposta política da feira, presente no ato de comercializar alimentos sem veneno a preço justo, estão as ações comemorativas realizadas no decorrer do ano, como a Semana dos Produtos Orgânicos. Nesta ocasião fazem palestras nos colégios do município conscientizando a população a importância de consumir alimento saudável e fazem doações de cestas de alimentos agroecológicos. Vão para a rádio local e fazem debate sobre segurança alimentar. Também no espaço da feira, em dias comemorativos elas organizam um momento cultural, com “músicas raízes”, moda de viola ao vivo feita e coordenada pelos próprios agricultores e com participação de amigos e simpatizantes que se identificam com a proposta.

CONCLUSÃO

A FEPAC é uma ação de comércio justo e solidário de famílias camponesas de Mirante da Serra que valorizam as práticas de preservação e de recuperação do meio-ambiente, com ênfase na produção de produtos de base agroecológica e nas atividades de extrativismo sustentável.

Do ponto de vista da produção, a feira permitiu o escoamento dos alimentos sobrantes produzidos nas propriedades das famílias, possibilitando a geração de renda e o acréscimo na qualidade de vida dos mesmos. Economicamente, essas 23 famílias alcançaram um rendimento anual de 46 mil reais, fato que dificilmente aconteceria se estivessem comercializando de forma individual. A comercialização nesses moldes também possibilitou a eliminação dos atravessadores. Ainda que sua produção não seja coletiva, a concepção de um produto agroecológico é feito pelo grupo, numa dinâmica de trocas de saberes e experiência importante.

Por fim, a feira tem um papel fundamental para a visibilidade da proposta de produção destas famílias de agricultores, ao trazer para o debate público a discussão sobre o uso de agrotóxicos, saúde e produtos orgânicos, e promover a agricultura familiar camponesa como fonte de alimentos saudáveis, capazes de gerar renda de forma sustentável. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas apresentam-se como um contraponto ao agronegócio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 5ª edição, Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2004.

CAPORAL, Francisco Roberto & COSTABEBER, José Antonio. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. 2ª edição. Brasília. MDA/ SAF/ DATER-IICA, 2007.

IBGE. *Censo Agropecuário 2006* (Agricultura Familiar: primeiros resultados). Rio de Janeiro, 2006.